

# Um balanço político do fim da URSS: crises e colapso

SAMUEL CORREA DUARTE

CESAR ALESSANDRO SAGRILLO FIGUEIREDO

**RESUMO:** O século XX, nas palavras de Eric Hobsbawm, iniciou em 1914 com a I Guerra Mundial e finalizou com o colapso da União Soviética, em 1991. O final soviético ainda ressoa com muitos questionamentos a ser explicado, assim, este artigo possui como objetivo examinar as causas do fim da URSS. Quanto aos procedimentos metodológicos, tratar-se-á de um trabalho qualitativo de reconstituição histórica, com ênfase na década de 1980 e 1990.

**PALAVRAS-CHAVE:** URSS. Modelo estatal. Crise do socialismo. Colapso de Estado.



## A political balance of the end of the USSR: crisis and collapse

---

**SAMUEL CORREA DUARTE**

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Tocantins (UFT). E-mail: samuelcorrea.duarte@gmail.com.

---

**CESAR ALESSANDRO SAGRILLO FIGUEIREDO**

Graduado em Ciências Sociais e doutor em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Tocantins (UFT). E-mail: cesarpolitika@gmail.com.

**ABSTRACT:** The twentieth century, in the words of Eric Hobsbawm, began in 1914 with World War I and ended with the collapse of the Soviet Union in 1991. The end of the Soviet Union still resonates with many questions to be explained; this article aims to examine the causes of the end of the USSR. As for the methodological procedures, it will be a qualitative work of historical reconstitution, emphasizing the decades of 1980 and 1990.

**KEYWORDS:** USSR. State model. Socialism crisis. State collapse.

---

RECEBIDO EM: 24/11/2017

APROVADO EM: 29/12/2017

## 1 INTRODUÇÃO

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) nasceu em 1917, como fruto da revolução comunista liderada por Lenin, que transformou a antiga Rússia com resquícios feudais numa das nações mais importantes do século XX. Scokpol (1985) salienta que o ciclo revolucionário transcorrido na Rússia se desenvolveu em um momento de crise do Antigo Regime naquela nação. O avanço das forças capitalistas no mundo ocidental colocava em cheque o poder de uma elite nobiliária e abria caminho para a revolução proletária na Rússia. Nessa linha de análise, as tensões que emergiram no findar do regime czarista russo residiam nas relações entre a classe agrária dominante e o Estado. Essa classe não tinha como se defender por conta própria das revoltas camponesas e, por isso, dependia da salvaguarda estatal, da qual obtinha proteção e também provisão de políticas através da troca por serviços locais prestados ao Estado.

Eric Hobsbawm (2008) define a brevidade do século, cujo início se deu em 1914, com o advento da 1ª Guerra Mundial, e o término em 1991, com o fim da URSS. Ou seja, a União Soviética tornou-se o paradigma para a concepção política do mundo durante o século XX, especialmente, pelo advento do novo modelo de sociedade calcado em cima do marxismo-leninismo.

Ainda devemos realçar que este modelo político se irradiou pelo globo, principalmente, a partir da 2ª Guerra Mundial, literalmente dividindo o mundo em duas esferas políticas ou, dito de outro modo, campos de forças em que se duelavam: de um lado, o capitalismo, liderado pelos Estados Unidos; e, de outro lado, o comunismo, liderado pela URSS. Neste tempo político pós-guerra, tivemos o apogeu da URSS confrontando de igual envergadura com os Estados Unidos, tanto no poderio militar e econômico quanto na corrida espacial. Não obstante toda a pujança soviética, o grande enigma é como ela se esfumou tão rapidamente a partir de crises sucessivas na década de 1980. Assim sendo, neste artigo, possuímos como indagação principal o seguinte questionamento: como uma nação que emergiu do pós-guerra como a segunda grande potência mundial entrou num período de agonia

no final dos anos 1980 e início dos 1990, liquidando todo o aparato construído e esfacelando-se como Estado?

A fim de respondermos este questionamento permeado por inúmeros dados e fatos históricos e compreendermos um tempo histórico extremamente complexo, cabe-nos, portanto, refiná-lo com os seguintes objetivos: 1) examinar o período final da convivência pacífica entre as duas potências denominado de *détente* e o início do novo período da Guerra Fria, no final dos anos 1970; 2) analisar a crise econômica vivida pela URSS durante a década de 1980, período este em que o estado soviético não conseguiu mais fazer frente ao imperialismo americano; 3) verificar as estratégias de sobrevivência da URSS nos anos 1980, a partir da tentativa de implementação da *Perestroika* e da *Glasnost*; e, finalmente, 4) identificar os condicionantes finais da URSS, momento este em que se conjugaram crises econômicas, de gestão e, principalmente, étnicas.

Para efeitos teóricos, trataremos do assunto em um trabalho qualitativo, pois visa à reconstituição do *clímax* final da URSS, com maior ênfase dos anos 1980, momento este em que começou a ocorrer as fissuras, de fato, do monólito comunista e, consequentemente, das mudanças visíveis no corpo do Estado soviético. Para a consecução deste artigo, trabalharemos com as bibliografias referentes aos elementos mais significativos do contexto político soviético que busquem aludir ao questionamento e aos objetivos propostos.

## **2 A URSS E O FINAL DA DÉTENTE**

A partir do fracasso dos EUA na Guerra do Vietnã, em meados dos anos 1970, a política externa americana se viu afetada com a denominada *Síndrome do Vietnã*, que os mantinham relativamente retraídos em suas relações internacionais. Nesse cenário, aproveitando a oportunidade e fomentado pela URSS, o Terceiro Mundo se viu, na década de 1970, em um ápice de período revolucionário. Na América Central, o impulso era dado principalmente por Cuba, treinando militantes latinos nas táticas de guerrilhas e fomentando, assim, a guerrilha nicaraguense com sucesso e a inconclusa

revolução de El Salvador. Na África, as colônias aproveitavam os ventos liberalizantes do período, vide Revolução dos Cravos em Portugal, e, lutando por sua independência, alinhavam-se ao bloco socialista, como nos mostra o exemplo de Angola. Na Ásia, após o sucesso do Vietnã, ocorria a Revolução no Camboja.

Neste contexto, “Moscou passa a potenciar esses processos de ruptura na periferia terceiro-mundista e estabelecer com os novos regimes uma série de pontos de apoio, às costas de seus adversários norte-americanos e chineses” (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 274). Em contrapartida, visando conter um processo de esquerdização no Cone Sul, os EUA fomentaram diversas ditaduras militares. Caíram, assim, ao poder dos militares na década de 1970, Chile, Uruguai e Argentina. Nesta conjuntura, é importante frisar que tais ditaduras não visavam apenas aos planos políticos americanos, mas, como era esperado, se pautavam por mudanças no modelo de acumulação produtiva, tanto na ampla abertura ao capital estrangeiro quanto na concentração de renda (VISENTINI; PEREIRA, 2010).

Além desse processo de multilateralidade nesse período, haveria o início de um severo processo de reestruturação produtiva no mundo do trabalho. Devemos considerar, primeiramente, que este processo fora ativado a partir da crise do petróleo, em 1973, situação em que os países árabes exportadores aumentaram sobremaneira o valor do barril do petróleo, quebrando, portanto, o equilíbrio de países ascendentes que não tinham reservas petrolíferas, entre os quais destacamos Japão e Europa Ocidental. Logo, começaria uma corrida no processo de reestruturação produtiva no mundo do trabalho, a fim de que esses países não perdessem a hegemonia conquistada. Assim sendo, justamente pelo aumento da matriz energética, buscavam o fomento da mudança de tecnologia na produção e corriam rumo à revolução técnico-científico-informacional. Quanto à URSS, ainda “era preciso introduzir os pontos de vistas do consumo e do consumidor, imaginar toda uma série de incentivos materiais, inclusive para a criação e a aplicação de novas tecnologias” (REIS FILHO, 2002, p. 217).

Porém, o fim da *détente* (distensão) chegaria, de fato, com o término do governo Carter nos EUA. A direita americana conseguiu se recuperar e impulsionou novamente uma reação conservadora,

naquele momento, plenamente recuperada do trauma gerado pela desonrosa perda militar no Vietnã. Assim, encerrou-se um período marcado pelo início do governo Reagan, em que a nova elite dirigente elaborou uma nova Guerra Fria. Os princípios desta política seriam em linhas gerais:

Os Estados Unidos desencadeiam uma corrida armamentista convencional e estratégia – cujo ponto máximo é a militarização do espaço pela IDS, ou projeto “guerra nas estrelas” – que os põem em superioridade estratégica relativamente à URSS e abala economia soviética; a URSS, debilitada pelo aumento dos gastos militares e pelo embargo comercial dos EUA e seus aliados, vê-se obrigada a limitar seu apoio às revoluções do terceiro Mundo, como contrapartida para uma redução da pressão militar norte-americana contra si; dessa forma, Washington e seus aliados mais militarizados (como Israel, Paquistão e África do Sul) poderiam sufocar os movimentos e regimes revolucionários surgidos na década anterior.

Paralelamente buscariam controlar seus aliados-rivais economicamente bem-sucedidos (Europa e Japão), dividindo com eles o fardo dos gastos armamentistas e afasta-os da vantajosa cooperação econômica com a URSS e Europa Oriental (daí a luta contra a construção do gasoduto Sibéria-Europa e a venda de tecnologia avançada aos países socialistas); finalmente, os EUA tentariam abrir os países socialistas à penetração econômica ocidental, o que aumentaria o controle sobre a política do bloco soviético e forneceria alternativas financeiras e comerciais para a super-reação da estagnação do sistema capitalista (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 291).

Entrementes, se os EUA se reestruturavam tanto no plano econômico quanto no político, a URSS pisava com passos firmes rumo a um processo contínuo de decomposição em médio prazo. Devemos ressaltar que, na URSS, houve um processo denso de urbanização após a II Guerra Mundial. Assim, “Em termos proporcionais, cerca de 66 % da população total vivia em cidades no início dos anos 80 [...]. No mesmo período, as cidades de mais de

1 milhão de habitantes evoluíram de 3 para 23, concentrando 25 % da população total” (REIS FILHO, 2002, p. 220). Ressaltamos ainda que essa população na cidade envelhecia, pois, com a melhoria da qualidade de vida no pós-guerra, aumentava, por conseguinte, a expectativa de vida.

Contudo, outros problemas punham em cheque esse processo de urbanização e expansão da sociedade de maneira desenfreada – as mudanças no mundo do trabalho que afetariam a economia soviética e que, naquele momento, não era mais eminentemente rural e jovem. Não obstante às mudanças de paradigmas, os dirigentes soviéticos insistiriam na indústria pesada e na defesa, configurando como prioridade os planos e as metas irreais de produção (REIS FILHO, 2002). Em face desses atrasos e da falta de qualidade de serviços urbanos, a URSS, na virada dos anos 1970 para os 1980, seria celeiro para muitas discussões, sem a elaboração de um foco único.

Corroborando com estes problemas sociais concernentes à URSS, especialmente no plano político internacional, o mundo voltava a ser ativado por uma nova ofensiva dos EUA. Nesta conjuntura adversa, somava-se a ascensão da política conservadora de Margareth Thatcher e de João Paulo II, um Papa radicalmente anticomunista. Formava-se, assim, uma frente contra o denominado eixo do mal (dos comunistas), capitaneada pelos EUA – e uma nova Guerra Fria recomeçaria. Em tempo, era necessário aos EUA correr atrás do prejuízo da década de 1970 e do golpe do Vietnã, pois a direita americana cobrava o seu quinhão, já que não aceitava ceder mais espaço para a expansão das revoluções socialistas ao redor do mundo. No tocante a este aspecto, devemos destacar que um dos pontos nevrálgicos que realmente puseram fim a *détente* foi a revolução no Afeganistão, na qual a URSS resolveu investir, apoiando a facção moderada. Contrapondo-se esta facção, americanos em conjunto com China, Paquistão, Egito e Arábia Saudita transformariam o Afeganistão no Vietnã soviético.

Grosso modo, novamente o mundo se dividia, insuflado por uma nova Guerra Fria. Os EUA tinham a tecnologia, o capital e o apoio logístico. Já a URSS deveria correr e buscar superar-se no início da década de 1980, sendo muito difícil para os soviéticos buscarem a

paridade militar com os americanos e crescerem economicamente. Além do mais, outras demandas sociais abalariam ainda mais as suas estruturas políticas. Novamente, o Estado soviético seria sitiado, como no imediato da II Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria. Obviamente, o mundo mudara neste contexto do final dos anos 1970 e, entre essas mudanças, destacava-se a secção do bloco comunista, pois houvera uma desagregação radical no monólito comunista. Se, antes, o centro difusor era impulsionado por um polo único – a URSS –, naquele momento, a China auxiliava na erosão do campo soviético e existia também a Albânia. Contudo, entre erros e acertos, diversos países do Terceiro Mundo se reivindicavam socialistas, fato este que corroborava para um futuro desfalecimento da economia soviética, vide a declaração ajuda financeira a Cuba e a outros países satélites. O gigante soviético precisaria ser muito forte, uma vez que novos abalos se aprofundariam na década de 1980.

### **3 DÉCADA DE 1980 A CRISE DO LESTE EUROPEU**

O início da crise gerada na URSS, na década de 1970, se refletiu com intensidade na década de 1980, em face da estagnação econômica do período e por se encontrar assolada por uma nova Guerra Fria impulsionada pelos EUA. No tocante à crise financeira, precisamos contextualizá-la com mais especificidade, justamente, com o intuito de verificarmos como a tentativa de reelaboração política da *Perestroika* foi tributária deste processo de contração da economia do Leste, ou seja, provocada pelo tempo de estagnação do período Brejnev (1964 a 1982).

O grande enigma soviético era como um país tão rico em recursos minerais, especialmente o petróleo, encontrava-se em crise estrutural. Começamos enfatizando justamente este último aspecto, pois o petróleo, longe de ser uma solução para o desenvolvimento soviético, acabou se transformando em um fator de subserviência econômica, pois o aumento do preço de petróleo deu lastro e proporcionou o aumento de divisas internas na ordem de bilhões de dólares à URSS. Além disso, se estabeleceu uma troca desigual com a venda de insumos primários (petróleo) em

troca de produtos manufaturados e com melhores tecnologias – produtos estes que a URSS estava a alguns passos atrás em termos de produção, quando comparados com os países do capitalismo avançado, principalmente, os EUA. Também a partir do fluxo de dólares que jorrava com o petróleo, a URSS buscava suprir alguns déficits na sua produção de grãos, buscando, assim, abastecer-se a partir do comércio externo (NOVE, 1989).

Tal estrutura não avançava e estacionava, pois os seus planos quinquenais irreais, há muitos anos, não conseguiam se adequar, ocasionando:

[...] um enorme volume de exportação de petróleo, gás, matérias-primas e metais preciosos, que na década de 80 representavam 90% das exportações soviéticas para o mundo capitalista, com o petróleo e o gás respondendo, sozinhos, por dois terços dessas exportações. (CASTELLS, 1999, p. 41).

Em síntese, os dirigentes do período, dirigidos politicamente por Brejnev, acreditavam que as compras e as trocas comerciais com o Ocidente eram muito mais simples do que desenferrujar a velha maquinaria de guerra soviética, uma vez que o verniz petrificado dos planos quinquenais, atrofiados pelo tempo, já não conseguiam mais dar o tônus para a URSS competir com o Ocidente. O pior ainda estaria por vir, pois este processo contínuo de trocas econômicas com o Ocidente iria ser cobrado por um preço muito caro.

O problema do “socialismo realmente existente” na Europa era que, ao contrário da URSS do entreguerras, praticamente fora da economia mundial e, portanto, imune à Grande Depressão, agora o socialismo estava cada vez mais envolvido nela, e portanto, não imune aos choques da década de 1970. [...] O “socialismo real”, porém, agora enfrentava não apenas seus próprios problemas sistêmicos insolúveis, mas também, os de uma economia mundial mutante e problemática, na qual se achava cada vez mais integrado (HOBSBAWM, 2008, p. 458).

Conforme já realçamos, o atraso tecnológico era um dos grandes vilões do processo de estagnação econômica soviética. No

entanto, devemos enfatizar que este processo se bifurcava nos seguintes atrasos: 1) excessiva ênfase no setor primário extrativista *versus* atrasos em novas tecnologias; este atraso ligar-se-ia ao 2) excessivo apego aos modelos dos planos quinquenais *versus* descompasso nítido do setor secundário com as suas indústrias e métodos de trabalhos superados, ainda fortemente atrelados ao padrão fordista. Igualmente devemos considerar que, naquele momento, o mundo corria em passos céleres não somente na busca de uma nova reestruturação produtiva do mundo do trabalho, mas também ocorria toda uma mudança no mundo digital em que a informação tornava-se moeda de troca muito cara.

Conforme enfatizamos, a URSS tinha um grande avanço na área tecnológica, vide corrida espacial; no entanto, estas novas tecnologias não eram difundidas para as empresas soviéticas e a população. Devemos grifar que grande parte das novas tecnologias era blindada pelo aparato militar, ou seja, as empresas soviéticas e os serviços ficavam aquém do mundo técnico-científico-informacional. Desta forma, não possuíam competitividade com os demais países do bloco capitalista. Ernest Mandel (1989) busca construir uma distinção entre o sistema capitalista e socialista no campo da informática, enfatizando que:

[...] as principais dificuldades são socioeconômicas e sociopolíticas. O emprego generalizado do computador implica a transparência e a difusão sem entraves das informações, o que é garantido no seio das empresas capitalistas pela propriedade privada. [...] No seio da econômica soviética, dado o interesse material dos burocratas em obter o máximo de recursos para objetivos do plano, tão reduzidos quanto possível, não somente não está assegurada a transparência das informações entre as empresas e as instâncias superiores como ela está praticamente excluída. (MANDEL, 1989, p. 27).

Corroborando com o que foi explicitado, Manuel Castells (1999) constrói a sua hipótese principal de “que a turbulenta crise que abalou os alicerces da economia e sociedade soviéticas de meados dos anos 70 em diante, constituiu a expressão da incapacidade estrutural do estatismo [...] de assegurar a transição para

a sociedade da informação” (CASTELLS, 1999, p. 26). De acordo com este enfoque, este atraso fora condicionado pelo ambiente hostil internacional, que gerou uma nação em constante estado de sítio, ou seja, uma sociedade que se erigiu extremamente preocupada em suprir as carências produzidas pelas guerras: “a economia soviética desenvolveu-se em regime de autarquia [...] em ambiente hostil que gerou no país uma mentalidade de estado de sítio. [...] sempre condicionado, no tocante as importações, a questões de segurança nacional” (CASTELLS, 1999, p. 36).

Neste sentido, os planos quinquenais visavam equalizar os déficits emergenciais e dotar a indústria comunista de plena capacidade para fazer frente aos seus oponentes, sendo que a indústria bélica, justificadamente, tornava-se um dos grandes sumidouros de recursos estatais. Logo, não seria de estranhar que grande parte dos recursos financeiros e da melhor cepa dos recursos humanos fosse destinada a suprir o aparelho militar, visando à defesa do estado sitiado. Assim, a revolução técnico-científico-informacional deveria estar sob o controle estrito do aparato militar, utilizado desta forma com intuito específico de defesa contra o seu oponente principal nesta nova Guerra Fria.

A URSS apresentava sérios déficits quando comparada com o seu oponente principal (EUA), justamente, porque o aparelho militar soviético tornava a informação um objeto restrito do controle estatal. Neste sentido, “o isolamento internacional da economia soviética demonstrou-se funcional para o sistema à medida que possibilitou a operacionalização do plano [...] e por haver protegido a produção das pressões da concorrência internacional” (CASTELLS, 1999, p. 40). Porém, quando a URSS se viu sob a necessidade de construir um novo impulso indutivo a partir de novas tecnologias, verificou-se uma distância abissal dos resultados obtidos pelas indústrias do capitalismo avançado. Recorreu, portanto, a uma troca desigual e típica de economias subdesenvolvidas.

Em síntese, os recursos destinados à defesa drenavam grande parte dos recursos materiais, assim como os melhores cérebros que poderiam ser alocados para outras áreas e serviços na economia soviética. Segundo Castells (1999), chegou um momento de

constatação pelos próprios dirigentes soviéticos da inércia do país em novas tecnologias do mundo digital. Ao invés de impulsionar a volta da paridade dos anos 1960 com os EUA ou de, simplesmente, contrabandear computadores do Ocidente, “[...] os interesses do alto comando militar do Estado soviético resultaram no paradoxo de tornar a União Soviética dependente dos Estados Unidos na área absolutamente fundamental da tecnologia da informação” (CASTELLS, 1999, p. 50).

Buscando ampliar a análise dos motivos que levaram à estagnação da economia, faz-se mister demonstrarmos também que esta excessiva ênfase aos projetos militares e de defesa obviamente se refletia na insatisfação da população. Em face de uma sociedade que se urbanizou e complexificou, este velho modelo deixava a população em contínua apatia, uma vez que as pessoas estavam cansadas de viverem em uma constante economia de guerra de subsistência, com consumo racionado, vestuários de péssimas qualidades e as cotidianas filas de abastecimentos (CASTELLS, 1999, p. 38). No entanto, mais do que nunca, os dirigentes insistentemente precisavam que a população auxiliasse na busca de um novo fluxo indutivo de desenvolvimento, com o intuito de objetivamente sair deste processo de estagnação. Porém, o divórcio era visível e definitivo. Convém registrarmos que, naquele momento, a partir da década de 1980, ocorria o real avanço de uma nova ideologia organizacional, tributária justamente desta revolução tecnológica em curso, impulsionada pelo modelo japonês, em que reelaboravam o valor, o tempo e a qualidade do trabalho.

Assim sendo, algumas expressões ecoavam provindas do Oriente, quais sejam: qualidade total, *just in time*, flexibilização, entre outras fórmulas que ficaram conhecidas no mundo do trabalho como método toyotista, sendo copiadas rapidamente pelos demais países do capitalismo avançado com o fito de não perder a concorrência no mercado econômico, ou seja, corrida difícil para a URSS envergar e disputar. Neste contexto, o dilema soviético pode ser assim sumarizado: “o aumento da produção agora dependia da elevação da produtividade. Modificar os padrões: em vez das metas quantitativas, critérios qualitativos” (REIS FILHO, 2002, p. 225). Diretrizes difíceis de serem respondidas, pois não havia

nada aparentemente que motivasse a população na busca pela saída desta situação, diferentemente do que ocorrera na I Guerra Mundial, na Guerra Civil e na II Guerra Mundial, situações extremas que impulsionavam na população um sentimento patriótico de sobrevivência e reconstrução em face das invasões externas. Naquele momento, os entulhos do aparato do Estado eram visíveis, saltavam aos olhos e a população reagia com indiferença.

Grosso modo, podemos dizer que era impressionante a total apatia da população soviética quanto aos anseios de mudanças. Conforme explicitamos, o absenteísmo e o alcoolismo eram um dos grandes males sociais da URSS do período, uma vez que não se vivia mais sob a tutela do período stalinista, em que se prendiam as pessoas que eram consideradas desajustadas e não solícitas ao cumprimento das metas de trabalho. Vivia-se no período Brejnev, em que havia descompressão policalesca do regime e abrandamento tributário da desestalinização da década de 1950. Porém, devemos ponderar esta afirmativa, na medida em que, como em qualquer Estado forte, a repressão ainda funcionava só que bem mais seletiva (CASTELLS, 1999). Dito de outra maneira, neste período havia uma repressão bem mais suave e que dava margem para estas situações de apatia para com o Estado, ou seja, eram protestos silenciosos em face do desapego e da não identificação da população com o aparato do regime soviético. Estas características aplicadas no cotidiano do trabalho geravam um total absenteísmo para com as diretrizes impostas pela burocracia soviética nos seus planos quinquenais e, neste aspecto, qualquer medida que visasse um aumento de fluxo do trabalho era desmotivada e objeto de zombaria.

Esta apatia para com o trabalho e descrédito das autoridades geravam um atraso e má qualidade nos produtos oferecidos à população, formando-se assim um ciclo vicioso: desmotivação para com o trabalho que gerava pouca qualidade e quantidade de mercadorias, que gerava desestímulo de consumo e críticas à economia planificada. Por conseguinte, gerava incompatibilidade com os planos quinquenais e descréditos com os dirigentes. Naquele momento, o marxismo-leninismo, como *ethos* para um novo homem e uma nova sociedade, tornava-se apenas, para a

maioria da população, objetos de museu. Ainda, no tocante ao aspecto da desmotivação para com os planos do governo e a qualidade dos serviços, estes se materializavam nos seguintes resultados:

Os meios de investimentos, devido à estrutura da absorção centralizada, não apenas entram, portanto, em projetos disfuncionais e megalomaníacos, mas também fica inacabado um número crescente desses projetos. As ruínas de indústrias e aos instrumentos de produção que parecem ser peças de museus, por falta de investimentos de reposição e modernização, junta-se um número gigantesco de ruínas de investimentos na forma de objetos de construção e de outro tipo, jamais terminados, com os quais estão salpicados os países das economias de comando baseadas na economia de guerra. E ainda por cima, essas ruínas de investimentos estão sujeitas à mesma inflação de custo de todas as demais produções, o que significa outro agravamento para o orçamento público e o volume de suas subvenções. Dessa maneira são consumidos os meios que na verdade deveriam ser empregados em investimentos produtivos. Com isso, inicia-se um movimento espiral que não apenas tem que conduzir ao colapso das finanças, senão também àquele da produção material, que se torna cada vez mais mórbida (KURZ, 1992, p. 117).

Além desses problemas, havia também outra mácula que afetava o denominado socialismo real: o mercado negro e as máfias. Havia, neste comércio, os atravessadores que formavam verdadeiras máfias na distribuição de produtos, muitas vezes desviando produtos de melhor qualidade. Também havia um mercado negro de trocas de produtos, conforme enfatiza Robert Kurz (1992), em que se trocava de tudo com o intuito de buscar suprir o que as prateleiras das lojas do Estado não conseguiam proporcionar à população. Assim evitava-se, por conseguinte, ficar nas longas filas de espera de produtos mais desejáveis. Fazendo analogia com a teoria marxiana, a corrupção seria a mais valia da sociedade planificada, que se apresentava com um *continuum* que ia desde as máfias até o alto escalão do Estado. Ou seja, o gigante do

socialismo estava infectado por uma chaga, pois: “o que começou como solução pragmática para contornar o problema da escassez [...] acabou como um enorme sistema de intercâmbio econômico informal, cada vez mais organizado à base de pagamentos ilícitos, em dinheiro ou em espécie” (CASTELLS, 1999, p. 40).

Durante a era Brejnev, a crescente presença internacional da URSS e a melhoria do nível de vida da população haviam exigido um esforço adicional da economia soviética. Na segunda metade dos anos 1970, o crescimento extensivo alcançava seu limite, quando também, tinha início a Nova Guerra Fria e aprofundava-se a reestruturação das economias capitalistas avançadas, com as quais a União Soviética estabeleceu vínculos importantes. A corrida armamentista e os embargos comerciais e tecnológicos atingiram duramente a URSS, onde a envelhecida liderança do grupo Brejnev (uma verdadeira gerontocracia) carecia do necessário dinamismo para responder aos novos desafios e à estagnação interna (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 306).

Neste caso, comparativamente, não importa identificar se a corrupção era além ou aquém da existente no sistema capitalista, mas o que ficava explícito era que a sociedade ideal que ia construir um novo homem tinha falhado, pois a engrenagem estava viciada. Em outras palavras, o socialismo real orientado pelas utopias de Marx e Engels transformava-se, na verdade, numa caricatura mal acabada do que tinha de pior dos seus oponentes capitalistas.

#### **4 A TENTATIVA DE SAÍDA: *PERESTROIKA* E *GLASNOST***

O falecimento de Brejnev, em 1983, encerrava um ciclo dentro da URSS, pois com ele um velho aparato obsoleto começaria a se esvanecer, assim como a sociedade e algumas parcelas da burocracia clamariam por mudança. Teimando na implementação das mudanças o Comitê Central, colocava-se no governo o ex-agente secreto Iuri Andropov, que daria início a uma reforma política no país, interrompida por uma séria doença que o levou à morte, em 1984. Konstantin Chernenko, homem de confiança de Brejnev, abriu mão da aposentadoria e assumiu a presidência da URSS,

mesmo idoso e doente. Após um ano de governo, Chernenko é internado às pressas e morre no início de 1985, representando definitivamente o fim de uma geração de políticos soviéticos, caracterizada por manter um padrão político mais conservador. Em contraste, emergiu um jovem dirigente do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), chamado Mikhail Gorbachev, especialmente jovem quando comparado com os longevos dirigentes anteriores (BROWN, 2012). Ele tomou posse em 15 de março de 1985, prometendo uma série de medidas que visavam uma transformação radical, tanto quantitativa quanto qualitativa na estrutura do Estado soviético. Tais medidas ficaram conhecidas como *Perestroika* – ou seja, de acordo com a tradução: reestruturar – e iriam ser consubstanciadas com as diretrizes marxista-leninistas, visando uma melhor gestão na superação das contradições do próprio socialismo. Gorbachev (1987) conclamava a todos que:

A perestroika é um processo revolucionário porque constitui um salto à frente no desenvolvimento do socialismo e na realização de suas características essenciais. Desde o início percebemos que não há tempo a perder. É muito importante não ficar tempo demais na linha de partida para recuperar o atraso, para escapar do charco do conservadorismo e romper a inércia da estagnação. Isto não pode ser feito de um modo evolucionista, através de reformas tímidas e arrastadas. Simplesmente não temos o direito de descansar por um dia sequer. Ao contrário, a cada dia temos de somar esforços, aumentar o ritmo e a intensidade (GORBACHEV, 1987, p. 54).

Acerca da *Perestroika*, torna-se importante frisarmos que era uma política de transformação radical na URSS, pois buscava construir um novo homem em sintonia com a perspectiva de renovação do socialismo. Assim, “a perspectiva de um socialismo renovado. Preocupado com o Homem, com o *h* sempre maiúsculo, enfatizando uma sensibilidade diferente para os tempos que se queriam novos” (REIS FILHO, 2002, p. 233). Ainda torna-se importante grifarmos que, no aparato soviético – entenda-se, PCUS –, coabitavam ortodoxos e renovadores, sendo um ambiente em disputa que tornava incertos os caminhos de Gorbachev e fazia

com que este precisasse de grande apoio popular para a consecução de suas reformas.

Dando continuidade à diretriz transformadora impulsionada por Gorbachev, outra palavra saltava aos olhos, tanto do Ocidente quanto do Oriente: a *Glasnost*. Em tradução exata, *Glasnost* significava “publicidade de atos administrativos e jurídicos que devem ser de domínio público. No limite, a crítica ao segredo de Estado, o direito à informação. Não gratuitamente, afirmou-se o termo transparência” (REIS FILHO, 2002, p. 235). Em tempo, naquele momento, como era de se esperar, Gorbachev tornava-se também uma grande figura no mundo ocidental, fazendo com que o Ocidente apontasse os seus olhos para as consequências desse processo de reestruturação por ele capitaneado. Os partidos marxista-leninistas alinhados a Moscou o saudavam como o grande Messias que iria reativar a velha chama, através do exemplo dado pela pátria do socialismo. Segundo Hobsbawm (2008), tal expectativa era efetiva, pois:

Na mente dos reformadores, *glasnost* era um programa muito mais específico que *perestroika*. Significava a introdução, ou reintrodução, de um estado constitucional e democrático baseado no império da lei e do gozo de liberdades civis como comumente entendidos. Isso implicava a separação de partido e estado, e (ao contrário de todo acontecimento desde a ascensão de Stalin) a mudança do *locus* de governo efetivo de partido para Estado. Isso, por sua vez, implicaria o fim do sistema unipartidário e do “papel condutor” do partido. Também, obviamente, significaria revivescência do soviets em todos os níveis, em forma de assembleias eleitas genuinamente representativas, que culminariam num Soviete Supremo, uma assembleia legislativa genuinamente soberana, que concederia poder a um executivo forte, mas que seria capaz de controlá-lo. Essa, pelo menos, era a teoria. (HOBSBAWM, 2008, p. 466).

No plano das relações internacionais e buscando dialogar com os autores, precisamos situar a *Perestroika*, principalmente, como produto desta nova Guerra Fria e da carência da URSS na área tecnológica: “Quando a corrida tecnológica do programa ‘Guerra nas

Estrelas' orientada pelos militares deixou transparecer o tão temido atraso tecnológico da URSS em relação aos EUA, o alerta do alto comando soviético [...] levaram à perestroika" (CASTELLS, 1999, p. 51). Neste sentido, a *Perestroika* também representou uma desaceleração da corrida armamentista nuclear e dos apelos pela paz.

Neste ponto, Gorbachev obteve uma reposta bem mais eficaz que as propostas reformadoras internas, pois "a URSS buscava evitar o desencadeamento de uma guerra, cujos contornos se esboçavam nos crescentes incidentes internacionais, e sustar uma corrida armamentista cujo ritmo e intensidade não mais podiam ser acompanhados por sua economia" (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 307). Em síntese, no plano externo, a proposta reformista de Gorbachev surtia um efeito bem mais efetivo do que em âmbito doméstico, justamente pelo fato da magnitude extremamente audaz das propostas da *Perestroika* que visava uma transformação radical no âmbito econômico, diplomático, militar e ideológico. Contudo, endossando as críticas de alguns analistas, a *Perestroika* ainda estava um pouco imprecisa e genérica, de fato, em suas propostas (REIS FILHO, 2002, p. 233). Mesmo com dificuldades objetivas e pontuais de mudanças, em seu cerne, tais medidas, procuravam recolocar a URSS no curso dos ditames do socialismo.

Mesmo com as boas intenções de descompressão dos "entulhos" do período Brejnev e das distorções causadas pelos "traumas" do período Stalin, algumas questões tornavam-se pontos obscuros: "A União Soviéticas não tinha um sistema bancário e financeiro adaptados às exigências suscitadas pela reforma, nem se tratou do assunto na legislação adotada. Não houve, também, qualquer reforma geral de preços" (REIS FILHO, 2002, p. 237). Nesta perspectiva, a *Perestroika* teria algumas dificuldades de condução da sua política, o que, em curto período, iria ser verificável a olhos vistos; contudo, sobravam prognósticos positivos pelos reformadores soviéticos e pelos dirigentes dos partidos comunistas ao redor do mundo.

A *Perestroika* fomentou uma maior associação ao capital estrangeiro em algumas áreas da produção. Neste aspecto, "a abertura econômica ao mercado capitalista mundial visava obter tecnologia e recursos para a modernização de determinados

setores deficitários, mas continha, principalmente, componentes políticos” (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 307). Ou seja, se atrelava ainda mais incisivamente ao mercado externo, visando, assim, objetivar uma posição de barganha no mercado internacional a qualquer custo. Sendo que novos componentes de rusgas provocariam fissuras definitivas que fragilizariam o Estado soviético, justamente como reflexo do “afrouxamento” do aparelho coercitivo, quais sejam: as identidades nacionais.

No tocante ao caos econômico, conforme já realçamos, as reformas promovidas por Gorbachev careciam de um projeto mais definido, uma vez que a *Perestroika* e a *Glasnost* não conseguiam responder aos anseios da velha máquina de guerra socialista. Era preciso um redirecionamento mais contundente no qual buscassem sair de uma economia planificada e estacionada para uma economia de mercado gerida pelo Estado. No entanto, o clima político dos planos econômicos propostos pela equipe de Gorbachev, longe de gerar satisfação e uma saída segura para o projeto da *Perestroika*, gerava um clima ainda maior de desagregação e fracionamento da combalida URSS, pois os resultados eram pífios. De acordo com Reis Filho (2002, p. 255): “Em 1988 a colheita de cereais foi um fracasso: 195 milhões de toneladas, quase 20% a menos do que era em 1978, dez anos antes. O racionamento de carne já atingia oito das 15 repúblicas e 26 regiões na Federação Russa”.

Neste sentido, podemos dizer que, entre a falta de avanço da *Perestroika* e as liberdades da *Glasnost*, o que mais avançou foi a transparência, pois aproveitando o processo de descompressão promovido pela elite dirigente da URSS, a população não recuou e foi para o embate. Em suma, houve dois processos descontínuos: 1) a *Perestroika* que não logrou resultados econômicos e regrediu; e 2) a *Glasnost* que avançou além da conta e as forças repressivas não puderam, ou melhor, não estavam mais dispostas a reprimir, como outrora os governos opressores do passado, o que seria, portanto, um caminho sem volta. O *ethos* marxista que tanto anos fora sucessivamente construído na URSS não surtia mais efeito e, numa atitude salvacionista, a fim de não esmorecer o legado socialista, uma socióloga que compunha a equipe de Gorbachev conclamava:

A essência social da perestroika consiste no retorno da nossa sociedade da via de degeneração estatal-monopolista, para a via leninista de construção do socialismo democrático, subordinado às necessidades do homem, à renovação e a depuração das relações sociais das deturpações e deformações que nela surgiram (ZASLAVSKAIA, 1990, p. 134).

No entanto, a população soviética estava vivendo um clima desenfreado de acertos de contas. No tocante à elite dirigente, havia uma disputa de poder e um jogo de forças hostil entre: 1) os conservadores que não queriam as reformas e acusavam os reformadores; 2) os reformistas moderados que insistiam nas reformas de Gorbachev; e, por fim, 3) os reformistas radicais que queriam aprofundar as reformas para uma economia de mercado. No espectro desses três grupos, Manuel Castells (1999) enfatiza que, existia, ainda, uma miríade de interesses e subgrupos que justificavam os prós e contras da *Perestroika*, desde ideólogos ortodoxos do PCUS até esboços de máfias articuladas.

Mesmo com os esforços de Gorbachev, a “sua perestroika tornou-se, a um só tempo, radical e estagnada, porque ele acreditou sinceramente que conseguiria aperfeiçoar o sistema soviético sem antagonizar” (CASTELLS, 1999, p. 71). Assim, ao invés de uma unidade, o que havia era apenas forças centrífugas, cada uma puxando para um lado, num *continuum* que se aprofundava muito mais, pois já se falava até na volta de um capitalismo de mercado, conforme enfatizado entre os reformadores radicais, também chamados de restauracionistas.

Aproveitando as brechas da descompressão da *Glasnost*, os trabalhadores empurravam a URSS para um cerco, imprimindo lutas e greves, como, por exemplo, em junho de 1989 com a greve dos mineiros: alerta vermelho em grau máximo. Neste quadro de desagregação, faltava tudo, de gêneros alimentícios a materiais de limpeza. Seguindo a trilha de uma análise marxista, poderemos dizer que a infraestrutura condicionou as mudanças objetivas na superestrutura, ou seja, a partir do caos, da desagregação econômica e da falência da força de trabalho, ruía o Estado soviético. Assim sendo, se o Estado socialista era posto em cheque,

igualmente, toda a ideologia e o arcabouço que gerou essa experiência política no século XX entrava em debate – sobravam discussões, ao mesmo tempo em que se esfumaçavam sonhos.

## 5 O FINAL DA URSS

Como podemos observar, a URSS soviética, em meados de 1989, estava num turbilhão e na iminência tanto de um colapso econômico quanto social. Porém, os olhos do mundo ficaram atônitos com outro fenômeno, a dissolução dos países que compunham o Leste europeu. Os países socialistas europeus pró-soviéticos começaram a se desintegrar da órbita de Moscou, sendo que estas rupturas eram reflexos de um longo processo de descontentamento e, aproveitando os ventos liberalizantes do Leste, lograram com poucos esforços a soltura das amarras. Segundo Huntington (1994), todo esse processo de liberalização se enquadra no que ele definiu de Terceira Onda de Democratização, a qual, nos casos dos países do Leste europeu, pode ser caracterizada como efeito-demonstração de contágio, de difusão, de emulação, de bola-de-neve, ou talvez até mesmo efeito-dominó. Assim:

[...] ocorre num país uma demonstração bem-sucedida e isso encoraja a democratização em outros países, seja, porque eles parecem enfrentar problemas semelhantes, seja porque tal democratização sugere que isso possa ser uma cura para seus problemas (HUNTINGTON, 1994, p. 105).

Quanto ao Leste europeu, como o processo centrífugo estava acelerado, com revoltas étnicas nacionais clamando pela independência, podemos dizer que era uma luta das partes contra o todo, ou seja, o clamor étnico servia como instrumento para insuflar revoltas e, com isto, forçar o Estado soviético a uma degradação. Devemos destacar que, em meados de março de 1991, um plebiscito que aprovou a manutenção da federação renovada tinha dois eixos: 1) concederia maior autonomia às repúblicas e 2) repartiria o controle acionário do patrimônio da União. De acordo com Visentini e Pereira (2010), essa estratégia se mostrou assimétrica, pois, ao mesmo tempo em que pretendia equilibrar as forças

centrífugas, desagradou às repúblicas mais ricas. Neste sentido, as rivalidades étnicas se acentuavam, pois “o que parecia ser um movimento de caráter separatista ou em defesa de autonomia também, engajava-se na tarefa de romper com a disciplina do Estado soviético e, em última análise, livrar-se do controle exercido pelo Partido comunista” (CASTELLS, 1999, p. 79).

Ainda devemos destacar que as diferentes federações soviéticas tinham direito a eleger os seus presidentes, o que atizava ainda mais o pendor separatista. Na Rússia, residiam as maiores incertezas e medos de Gorbachev, pois era a unidade da Federação que amalgamava e dava sustentação para os demais países que compunham a URSS. No entanto, a sorte não singrava a favor de Gorbachev, pois quem se elegia era Yeltsin, outrora desafeto do dirigente soviético no PCUS. Assim, “Yeltsin iria, naturalmente, fazer uso disto no jogo bruto pelo poder. Começou a fazer declarações de que os impostos arrecadados na Rússia pertenciam à República e não à União” (REIS FILHO, 2002, p. 264). Em outras palavras; havia intenção clara no sentido da dissolução da União.

Com o intuito de blindar as trincheiras, Gorbachev nomeou, no início de 1991, um gabinete mais conservador, que, aparentemente, estava disposto a conter a onda separatista deflagrada pelas federações soviéticas; porém, o tempo político cobrava o seu preço. De acordo com Segrillo (2000, p. 172), “estes conflitos interétnicos serviram de conduit, de canal de transmissão (e amplificação) para contradições (insatisfação, etc.) provinda de outras áreas, especialmente a econômica”. Assim sendo, além das questões locais que proporcionavam a fragilidade da unidade do Estado soviético, ainda havia a eclosão de máfias provindas de certas regiões étnicas que provocavam grandes descontentamentos.

Buscando ligar as questões étnicas com os descontentamentos políticos e econômicos, devemos realçar que Yeltsin, além de ser extremamente bem votado na Rússia, logrou fazer o prefeito de Moscou um candidato com a mesma orientação dele e contra Gorbachev. Assim sendo, o que buscamos realçar “é que não foram as animosidades puramente étnicas no período pré-perestroika as responsáveis pela explosão da violência interétnica posteriormente, e sim as perturbações econômicas que levaram

a um acirramento das tensões interétnicas” (SEGRILLO, 2000, p.176). Ou seja, o nacionalismo étnico fomentado por percalços econômicos da *Perestroika* serviu de combustível para justificar o embate acerca de temas e dogmas impensáveis nos períodos de Stalin e Brejnev, como o fim da hegemonia do PCUS e o novo direcionamento do modelo produtivo soviético que visavam um redirecionamento mais flexível, uma abertura ao mundo capitalista e, mais fatalmente, a própria independência das repúblicas soviéticas.

Novos percalços ainda assolavam a URSS como a tentativa de golpe em agosto contra Gorbachev. Na tentativa de passar um semblante de normalidade da situação, os conservadores golpistas tentaram fazer uma “maquiagem”, como no período de Kruschev, alegando que Gorbachev estava doente e precisando de uma licença; porém, o espectro não saiu como esperado (REIS FILHO, 2002). Aproveitando a oportunidade, Yeltsin saltou à frente e chamou pela legalidade das instituições; ou seja, o golpe “foi suplantado pelo golpe melhor articulado de Yeltsin, que assumiu o poder de fato e ignorou o plebiscito que optava pela manutenção de uma federação renovada, mesmo após ‘libertação’ de Gorbachev” (VISENTINI; PEREIRA, 2010, p. 315). Quanto aos golpistas, estes estavam fora de compasso, pois “seus líderes estavam na contramão da história, isolados e fora do seu tempo. Faziam parte de um aparato estatal burocrático ultrapassado [...]. Organizaram um golpe como se estivessem na URSS da década de 50” (RODRIGUES, 2006, p. 263).

O tempo não era mais de golpes. Manuel Castells (1999) reitera que esses golpistas estavam dissonantes ao período histórico e ainda contavam que o próprio exército e a KGB estavam divididos: a Alpha, unidade de elite da KGB, recusou-se a obedecer a ordem de atacar o Kremlin e as tropas paramilitares mostraram lealdade a Gorbachev e a Yeltsin. Com o fracasso do golpe restauracionista conservador e com a debilidade moral dos reformadores moderados capitaneados por Gorbachev, ascendeu vitoriosa a ala dos reformistas radicais liderados por Yeltsin, dispostos a aprofundar as mudanças em consonância com o mundo capitalista e com os ditames do Fundo Monetário Internacional (FMI). Aproveitando

o ensejo, o efeito bola de neve que ocorrera com os países que compunham o bloco socialista no Leste europeu, naquele momento, replicava com igual intensidade nas federações que compunham a URSS (REIS FILHO, 2002).

Na sequência dos fatos, o mundo girava muito rapidamente: o partido comunista fora posto na ilegalidade; o próprio Gorbachev solicitara a autodissolução do Comitê Central e se demitira do cargo de secretário geral; e a KGB fora extinta. No outro polo, as três repúblicas eslavas – Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia – declararam extintas a URSS e fundaram a Comunidade de Estados Independentes (CEI). Ainda no dia 21 de dezembro de 1991, o mundo recebeu um comunicado dos dirigentes de 11 repúblicas que, reunidas, formalizaram a fundação de uma nova comunidade. O epílogo final chegara, uma vez que restava pouca coisa para Gorbachev ou mesmo nada, pois com a independência das federações e as criações das referidas comunidades esvaziavam totalmente o seu poder. Assim, “quatro dias depois, Gorbachev, ainda um pouco atordoado, e não conseguindo disfarçar um certo cansaço, anunciou e assinou a sua demissão. O verdadeiramente inacreditável acontecera: a União Soviética deixara de existir” (REIS FILHO, 2002, p. 267).

De acordo com Florenzano (2008), ao cabo de setenta anos de regime revolucionário na Rússia, assistimos, com a *Perestroika* e a *Glasnost*, um tipo especial de restauração, diferente das que ocorreram após a Revolução Inglesa e Francesa, nas quais houve de fato um retorno às antigas dinastias, mas, ainda assim, uma restauração pelo retorno da Rússia ao espectro do regime capitalista, com suas mazelas sociais que já grassavam quando o regime czarista buscou modernizar pelo alto a economia nacional.

Com o fim da União Soviética, não desaparecera apenas uma nação, mas todo o aparato real e simbólico que ela representava. Acabava o mundo bipolar, bem como os resquícios da Guerra Fria – fechou-se um ciclo iniciado com a revolução socialista na Rússia, sob os ditames do marxismo-leninismo, e que tinha servido como modelo para as demais revoluções socialistas ao redor do mundo.

## 6 CONCLUSÃO

Retomando o questionamento que propomos inicialmente de como uma nação com toda uma envergadura política liquidou-se no início dos anos 1990, mesmo com todo o poderio econômico e militar, constatamos que vários elementos condicionaram o fim objetivo da URSS. Entre estes, destacamos, ao longo do texto, uma retomada da Guerra Fria no final do ano 1970, impulsionando uma briga, de fato, com os Estados Unidos. No entanto, devemos realçar que este novo conflito não se deu através de artifícios bélicos diretamente entre as duas potências, mas especialmente pelo fomento do conflito entre zonas de proteção dos seus países satélites. Também, além desta corrida armamentista, a URSS não soube lograr partido na corrida técnico-científico-informacional, momento este em que os soviéticos perderam com grande distância para o imperialismo americano.

Somada a questão informacional, ainda havia a economia totalmente voltada para planos quinquenais defasados, muito mais focados nos insumos primários e extrativistas, que afundava em passos céleres ao caos econômico. Porém, com a tentativa de mudanças, são editadas a *Perestroika*, como reestruturação, e a *Glasnost*, como transparência. No entanto, ambas não conseguiram acompanhar o compasso, pois nenhuma das duas deu o resultado esperado. Quanto à *Glasnost*, ela fez ativar muitos mais o dissenso do que trazer a unidade para buscar uma saída da crise. Assim, foram dois movimentos dissonantes, principalmente a *Glasnost*, que ativaram o debate público criticamente do próprio Estado soviético.

Neste percurso, se ativaram, especialmente, as discussões suscitadas pelos conflitos étnicos, que estavam amortecidos em face da opressão da polícia política comunista. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, esses conflitos se sobressaíram servindo de combustível final para inflamar a cizânia e sepultar qualquer tentativa de unicidade e reconstrução da política do Estado. Portanto, a URSS caiu no final de 1991, por uma série de condicionantes que, longe de terem uma causa específica, foram se combinando até ser anunciado o fracasso e ser ratificado o fim

da experiência do socialismo real. No entanto, mesmo com o fim objetivo do aparato soviético, não podemos deixar de realçar uma constatação: a URSS foi o modelo que eclipsou o século XX, fazendo com que o célebre historiador Eric Hobsbawm afixasse que o seu fim representou, por conseguinte, o fim desse breve século.

## REFERÊNCIAS

BROWN, A. **Ascensão e queda do comunismo**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FLORENZANO, M. A Revolução Russa em perspectiva histórica e comparada. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 41 - 57, 2008.

GORBACHEV, M. **Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Best Seller, 1987.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

HUNTINGTON, S. **A terceira onda: a democratização no final do século XX**. São Paulo: Ática, 1994.

KURZ, R. **O colapso da modernização: a derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. São Paulo: Paz e terra, 1992.

MANDELL, E. **Além da Perestroika: a era e o despertar do povo soviético**. São Paulo: Busca Vida, 1989.

NOVE, A. **A economia do socialismo possível**. São Paulo: Ática, 1989.

REIS FILHO, D. A. **Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

RODRIGUES, R. P. **O colapso da URSS: o estudo das causas**. 2006. 310f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEGRILLO, A. **O declínio da União Soviética**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SKOCPOL, T. S. **Estado e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

VISENTINI, P. G. F.; PEREIRA, A. **História mundial contemporânea (1776-1991)**: da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética. Brasília: FUNAG, 2010.

ZASLAVSKAIA, T. Perestroika e socialismo. In: POMERANZ, L. (org.). **Perestroika**: desafios da transformação social na URSS. São Paulo: EdUsp, 1990. p. 131 – 145.